

Entre mundos: experiências de alunos indígenas e os desafios da permanência na universidade

ANA APARECIDA DE OLIVEIRA DEEKE¹; DENISE MACEDO ZILIOOTTO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – anadeeke009@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dmziliotto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A investigação sobre as vivências de estudantes indígenas no ensino superior surge como um desdobramento da pesquisa **Políticas de acesso ao ensino superior e contextos de estudantes deslocados: circunstâncias de (im)permanência**, liderada pela professora Denise Macedo Ziliotto. A pesquisa trouxe elementos significativos sobre a experiência de estudante indígena, evidenciando aspectos pouco explorados sobre inclusão, identidade e percurso no ambiente universitário. Os elementos advindos da investigação destacaram os desafios enfrentados pelo estudante, o que contribui para compreender as contingências da escolarização de diferentes grupos no ensino superior.

O acesso e a permanência de estudantes indígenas na universidade têm se consolidado como pauta fundamental nas últimas décadas, especialmente a partir das políticas de cotas e de iniciativas específicas de democratização (NASCIMENTO, 2016). Estudos indicam que o ingresso desses sujeitos não se reduz a uma conquista individual, mas representa também uma luta coletiva em defesa de direitos, marcada por tensões, disputas e a busca de reconhecimento cultural (AMARAL e FARIA, 2012). Nesse sentido, o diploma universitário, como destaca Arcanjo (2011), pode ser compreendido tanto como um objetivo pessoal quanto como uma ferramenta de transformação social para as comunidades de origem.

Pesquisas apontam que as universidades não apenas recebem estudantes indígenas, mas também se tornam espaços de produção de novas formas de pertencimento. Ressurreição (2017) ao analisar experiências de jovens indígenas universitários, afirma como os percursos acadêmicos produzem processos de etnogênese acadêmica, nos quais identidade étnica e identidade universitária se entrelaçam. Ames e Almeida (2021), ao investigarem a trajetória dos estudantes Kaingang na UFRGS, identificaram que as experiências universitárias são atravessadas tanto por barreiras estruturais e preconceitos, quanto por estratégias coletivas de afirmação identitária e resistência.

A questão da identidade é aprofundada por Morreti (2024) em sua investigação sobre estudantes indígenas na Unicamp. A autora argumenta que ser universitário e ser indígena não são papéis contraditórios, mas dimensões que se constroem simultaneamente, exigindo um reposicionamento constante dos sujeitos diante da sociedade envolvente. Oliveira (2020), ao estudar jovens

Macuxi em Roraima, reforça essa perspectiva ao mostrar como o ensino médio e superior funcionam como fronteiras de negociação cultural, nas quais os estudantes elaboram sentidos próprios sobre educação e futuro. Além disso, iniciativas institucionais como o Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena da UFRR e a existência de várias universidades públicas que oferecem cursos de licenciatura em Educação Indígena evidenciam esforços na construção de espaços capazes de articular saberes acadêmicos e tradicionais.

2. METODOLOGIA

As referências mobilizadas abrangem pesquisas sobre a presença indígena no ensino médio e superior no Brasil, como Amaral e Faria (2012), Oliveira (2020), Nascimento (2016), Ressurreição (2017), Ames e Almeida (2021) e Morreti (2024), destacando processos de pertencimento, etnogênese acadêmica e políticas de acesso.

O estudo ancora-se em uma perspectiva qualitativa, delineada a partir de estudo de caso, tendo como instrumento entrevista na perspectiva da história de vida, o que possibilita a apreensão da experiência dos participantes e a valorização de seus significados (MINAYO; DESLANDES; NETO & GOMES, 2002). O participante assinou o TCLE, a entrevista foi gravada e posteriormente transcrita, sendo analisada na perspectiva hermenêutica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista com L., autodeclarado indígena e estudante de curso da área de Ciências Humanas da UFPel, permite identificar alguns elementos significativos de seu percurso no ensino superior. Um primeiro aspecto é o seu compromisso com sua comunidade de origem, evidenciado quando afirma: *“Lá na aldeia precisa bastante, precisa muito de um profissional como psicólogo [...] acho muito interessante ter os profissionais também indígenas”*. Sua declaração situa a dimensão coletiva que orienta sua trajetória acadêmica. Amaral e Faria (2012) destacam a centralidade do retorno do conhecimento como forma de fortalecimento comunitário e Arcanjo (2011), que identifica a graduação como ferramenta de transformação social.

Outro aspecto presente é a experiência de invisibilidade no espaço universitário: *“Parece que a gente nem existe”*, declara L. O estudante compartilha a dificuldade de integração com colegas e a percepção de ser excluído de grupos de estudo e trabalhos em sala. Essa experiência dialoga com Ames e Almeida (2021), que identificaram práticas de exclusão veladas vividas por estudantes Kaingang na UFRGS, e com Nascimento (2016), ao defender que a permanência exige políticas que considerem também o reconhecimento simbólico e a valorização da diversidade cultural.

O contraste entre a universidade e a experiência anterior do estudante no Instituto Federal de Goiás também se mostra revelador. No IF, estudava com outros nove indígenas, o que possibilitava maior sensação de pertencimento: *“Era*

bom, melhor participação [...] a gente tinha nossos grupos, nós mesmos". Oliveira (2020) afirma que a presença de pares fortalece vínculos e amplia a participação estudantil. Já na UFPEl, sendo o único indígena da turma, L. sente-se isolado, o que reforça o caráter "entre mundos" descrito por Morreti (2024), no qual o estudante se depara constantemente: entre a lógica comunitária de sua aldeia e a lógica individualizada do espaço acadêmico.

O percurso no ambiente universitário aparece marcado por dificuldades tanto em relação ao estranhamento do território quanto às dinâmicas sociais e universitárias. O aluno conta somente com a solidariedade com outros estudantes indígenas para o enfrentamento de desafios como a circulação no território, a inserção em turmas com muitos alunos e o entendimento do funcionamento acadêmico. Ressurreição (2017) aponta como a transição para a universidade expõe pessoas indígenas a fronteiras interculturais e a sentimentos de deslocamento, ainda mais quando há diferenças significativas entre vivências escolares anteriores e o contexto acadêmico.

Os resultados da pesquisa indicam que a permanência do estudante indígenas no ensino superior envolve circunstâncias como a responsabilidade de retribuir à comunidade a oportunidade de entrada na universidade, o enfrentamento do racismo e a experiência da solidão/invisibilidade.

4. REFERÊNCIAS

AMARAL, W. R., & FARIA, T. M. B. (2012). **Presença dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná: trajetórias e pertencimentos**. Revista brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v.93, n. 235, p. 818-835, set./dez. 2012.

AMES, V. D. B., & ALMEIDA, M. L. de (2021). **Indígenas e ensino superior: as experiências universitárias dos estudantes Kaingang na UFRGS**. Sociologias, v. 23, n. 56, p. 244–275, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sociologias/article/view/79130>>.

ARCANJO, J. A. (2011). **A luta pelo diploma e o diploma para a luta: educação superior para os povos indígenas**. 2011. 161 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (2002). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORRETI, I. (2022). **A identidade étnica no ensino superior: o caso dos estudantes indígenas da Unicamp**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 33., 2022, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: ABA, 2022. Disponível em: <https://www.abant.org.br/files/1661468814_ARQUIVO_5dc4252b6cfc3c9979c025262fa92aa1.pdf>.

NASCIMENTO, R. G. (2016). **Democratização, autonomia, protagonismo, governança: três iniciativas na educação superior de indígenas no Brasil.** Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 254–279, dez. 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/65051>>.

NOGUEIRA, J. F. S., & PALMIERE, J. A. da F. (2021). **Relações Multi/interculturais em tempos de pandemia: reflexões identitárias com acadêmicos indígenas no ambiente universitário.** *Revista Polis e Psique*, v. 11, n. spe, p. 204–226, 2021.

OLIVEIRA, M. A. de. (2020). **Indígenas e ensino médio em Roraima: demandas de estudantes Macuxi.** 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-01022021-141247/>>.

RESSUREIÇÃO, S. B. da (2017). **Jovens indígenas universitários: experiências de transições e etnogênese acadêmica nas fronteiras interculturais do desenvolvimento.** 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.